

UM
ANO • TEMA

12 Gravuras do Museu de Lamego

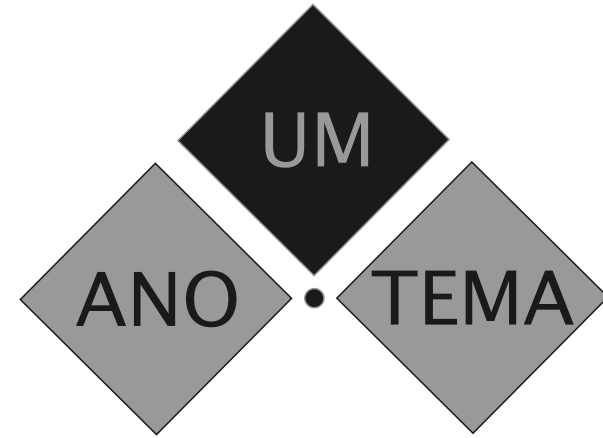


REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

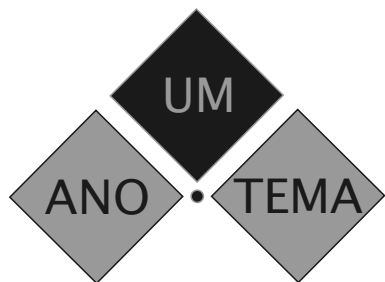
CULTURA
NORTE



Museu
de Lamego



12
*G*ravuras
do Museu de Lamego



12 Gravuras do Museu de Lamego

TÍTULO

UM ANO. UM TEMA
12 Gravuras do Museu de Lamego

DIREÇÃO EDITORIAL

Luís Sebastian (Museu de Lamego | DRCN)

COORDENAÇÃO

Alexandra Isabel Falcão (Museu de Lamego | DRCN)

TEXTOS

Alexandra Isabel Falcão (Museu de Lamego | DRCN)
Frédéric Jiméno (Universidade Sorbonne, Paris)
Luís Sebastian (Museu de Lamego | DRCN)

FOTOGRAFIA

Museu de Lamego - DRCN. Fotógrafo: José Pessoa;
©The British Museum

COMUNICAÇÃO

Patrícia Brás (Museu de Lamego | DRCN)

CONCEÇÃO E COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Paula Pinto (Museu de Lamego | DRCN)

IMAGEM DE CAPA

Alegoria a África [pormenor] - Fotografia com radiação UV de Sónia de Castro
(Laboratório José Figueiredo/Laboratório Hércules da Universidade de Évora)

EDIÇÃO

Museu de Lamego | Direção Regional de Cultura do Norte

DATA DE EDIÇÃO

Fevereiro de 2016

ISSN

2183-7430

FICHA TÉCNICA

05* **EDITORIAL**

Luís Sebastian
[Diretor do Museu de Lamego]

06* **INTRODUÇÃO**

Alexandra Isabel Falcão

09* **ÁLBUM DE GRAVURAS**

Jesus escarnecido, série "Paixão de Cristo"
Hieronymus Wierix (1553-1619)

Retrato do imperador Frederico III de Habsburgo
Jonas Suyderhoef (1613-1686) e Pieter Claesz (1580-1657), editada por Frederick Wit, c. 1650

Santa Maria Madalena
Raphael Morghen (1758-1833), a partir de Bartolomé Estéban Murillo (1617-1682), séc. XVIII-XIX

Cortejo de despedida e embarque de Dona Catarina de Bragança para Inglaterra
Dirk Stoop (c.1615- 1686), 1662

Alegoria a África, série *As quatro partes do mundo*
Conrad Lauwers (1632-1685), a partir de Louis Licherie de Beurie (1629-1689), editada por François Landry (1688-1720), 1709-1720

Retrato de Nuno Álvares Pereira, donato
Bernard Picart (1673-1733), 1722

La Liseuse
Jean Georges Wille (1715-1808), Gerrit Dou (1613-1675), 1761/62

Restituet omnia
François Harrewijn (1700-1764), a partir de Vieira Lusitano (1699-1783), editada por José António da Silva, 1730

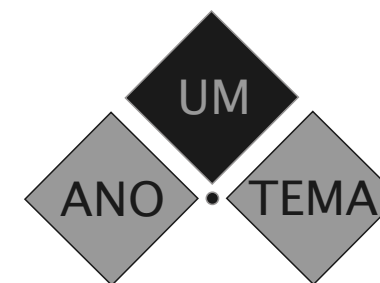
Natividade de Maria
Lamberecht Causé, século XVIII (1.ª metade)

Calvário
Joaquim Carneiro da Silva (1727-1818), 1793

Adoração dos pastores
Gaspar Fróis Machado (1759-1796), 1777

São João Evangelista
Anónimo, séc. XVI

60* **BIBLIOGRAFIA**



12 Gravuras

do Museu de Lamego

ÍNDICE



A iniciativa **UM ANO. UM TEMA**, com a sua primeira edição em 2015, vem juntar-se a um conjunto de iniciativas âncora do plano de atividades anual do Museu de Lamego.

Associando-se a iniciativas anuais como o CICLO DE CONFERÊNCIAS DO MUSEU DE LAMEGO/CITCEM, CICLO DE CINEMA DO MUSEU DE LAMEGO, CICLO DE FOTOGRAFIA DO MUSEU DE LAMEGO ou MUSEU EM IMAGENS, o projeto **UM ANO. UM TEMA** vem contribuir sobremaneira para a divulgação de objetos menos conhecidos sob gestão do Museu de Lamego, em grande parte em reserva. Por outro lado, a sua organização temática permite uma valorização de conjunto, contextualizadora, e por isso, mais inteligível e enriquecedora do ponto de vista histórico. Por fim, subjacente a quase todas as nossas iniciativas, **UM ANO. UM TEMA** é novamente uma oportunidade de investigação, tentando coligir informação dispersa e produzir, se não informação nova, pelo menos propor novas perspetivas.

O conceito base de **UM ANO. UM TEMA** é a divulgação desmaterializada da informação. Mensalmente, via *on-line*, um objeto dentro da temática selecionada é “exposto” através do site oficial do museu, das redes sociais onde tem presença, e da emissão da sua newsletter, privilegiando a sua fácil difusão e partilha pelos milhares de utilizadores que acompanham em permanência a comunicação *on-line* do Museu de Lamego.

EDITORIAL

Luís Sebastian

[Diretor do Museu de Lamego]

Findo o ano, o conjunto de 12 objetos “expostos” mensalmente no ano transato é compilado de forma atualizada numa só publicação *on-line*, disponibilizada de forma permanente no site oficial do Museu de Lamego.

INTRODUÇÃO

Alexandra Isabel Falcão

Alegoria a África é o título iconográfico de uma gravura que, desde a sua (re)descoberta em 2011 nas reservas do Museu de Lamago, tem sido objeto de reflexão e interesse, pelo reconhecimento de se tratar de um peça extraordinariamente rara e de grande importância no contexto da gravura europeia do período barroco, e também pela referência numa obra gráfica da primeira metade do século XVIII à aventura dos descobrimentos portugueses. Na estampa em causa está representado um rinoceronte que segue muito de perto a gravura de Albrecht Dürer com o mesmo nome, que fixou a memória do paquiderme goês que chegou a Lisboa no dia 20 de maio de 1515.

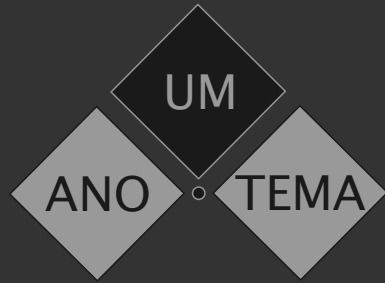
A circunstância de em 2015 se terem comemorado os 500 anos da viagem do rinoceronte, e simultaneamente da execução da xilogravura de Dürer, deu origem a um conjunto de iniciativas em torno dessa valiosa gravura que se conserva em Lamago, com o propósito de promover a sua valorização a partir de diferentes olhares, sensibilidades e perspetivas. Exemplo disso foi a atividade realizada no âmbito do serviço educativo, *Na Pegada do Rinoceronte*, e as participações na edição de 20 de maio das Conversas na Torre, que assinalou o dia em que o rinoceronte desembarcou na barra do Tejo, e no Congresso Internacional *Sphera Mundi. Arte e Cultura no Tempo dos Descobrimentos*, no contexto dos 500 anos da Torre de Belém.

A *Alegoria a África* seria igualmente o *leitmotiv* para o projeto de investigação e comunicação em linha **UM ANO. UM TEMA**, que viria a ocupar o espaço dos antecessores *Tesouros reservados* e *Peça do mês*, num novo formato que privilegia a homogeneidade temática na escolha mensal das obras em destaque ao longo do ano, no favorecimento de uma melhor compreensão das coleções do museu, dotando-os de uma visão mais abrangente e contextualizada.

Prosseguindo com o objetivo inicial de pôr em relevo, dando-lhes novas leituras, objetos menos conhecidos ou “esquecidos”, como forma de os valorizar, a escolha para a primeira edição de **UM ANO. UM TEMA** recaiu, por motivos óbvios, na coleção de gravura, que é relativamente reduzida, sendo constituída por 55 exemplares. De origem desconhecida, com exceção de cinco novas espécies incorporadas recentemente, presume-se que a maior parte tenha sido adquirida ao longo dos anos 30 e 40 do século XX, por iniciativa do primeiro diretor, o artista lamecense João Amaral, que por essa altura devotava grande empenho no engrandecimento das coleções, ao mesmo tempo que no edifício decorriam importantes obras de beneficiação e ampliação, que o dotavam de uma maior área expositiva. Sem suporte orçamental que lhe permitisse adquirir obras de arte que condignamente preenchessem as novas galerias, caberia ao *Grupo de Amigos Pró Museu, Biblioteca e Turismo*, criado em 1924, o mecenato de várias dezenas de objetos com que então se complementaram as coleções. Desse período, existem vários recibos referentes à compra de gravuras de formatos, assuntos e autores diversos, atestando tratar-se de objetos relativamente comuns no mercado. No entanto, a documentação existente não esclarece questões relacionadas com os fornecedores ou com os locais onde as gravuras eram adquiridas, desconhecendo-se por completo a sua origem.

Aparentemente organizada sem que obedecesse a critérios rígidos que determinassem a seleção e a posterior compra das gravuras, a coleção parece evidenciar, contudo, a preocupação que houve na formação de um conjunto geográfica e cronologicamente abrangente e, ao mesmo tempo, de temática diversificada. Com exemplares oriundos dos mais importantes centros de produção de gravura portuguesa e europeia, ativos entre os séculos XVI e XIX, e representado uma variedade de assuntos que vão desde cenas inspiradas na bíblia ou na de santos a alegorias, passando por retratos, relatos do quotidiano e cenas de género, inclui os nomes de reputados gravadores como os flamengos Hieronimus Wierix e Lamberecht Causé, o italiano Raphel Morghen, ou o de Bernarnd Picard, profícuo gravador de origem francesa, ou ainda dos holandeses Jonas Suyderhoelf e Pieter Soutman e dos portugueses Joaquim Carneiro da Silva e de Gaspar Fróis Machado.

Seriam os mesmos princípios da abrangência e da diversidade a nortear a escolha das 12 gravuras que preenchem as páginas deste álbum, que se pretende constitua uma amostra representativa e atualizada de uma das coleções do Museu de Lamego menos conhecidas do público.



12
Gravuras
do Museu de Lamego

**Álbum
de GRAVURAS**



Hieronymus Wierix
Flandres, 1553-1619

Jesus escarnecido da série **Paixão de Cristo**
1619 (anterior)

Compra (Grupo de Amigos do Museu), 1928-1940
Inv. ML 908

Hieronymus Wierix foi um renomado gravador flamengo que pertenceu a uma família de gravadores, sendo um de três irmãos que se dedicavam a este ofício. Com 19 anos já era mestre em Antuérpia, onde permaneceu até ao fim da sua vida. Com uma obra extensíssima, Wierix executou uma série de gravuras intitulada *Paixão de Cristo*, que deveria incluir o presente exemplar. Dessa série, o British Museum possui um conjunto de 16 estampas que, tal como o exemplar de Lamego, possuem excertos do Livro dos Salmos, sublinhando o caráter devocional destas imagens. No Rijkmuseum (Amesterdão) conserva-se uma gravura precisamente igual à de Lamego. Comum aos vários exemplares da série, a figuração de Cristo é ligeiramente maior que as restantes personagens, de modo a sublinhar o seu estatuto divino, apesar da dimensão humana da sua representação. Na condição de humilhado, Jesus revela-se, contudo, com grande dignidade, que é



*Subsannauerunt me subsannatione : frenduerunt
super me dentibus suis . Psalmo 34.*

Hieronymus Wierix fecit et excud. Cum Gratia et Privilegio. Buschere.

Jesus escarnecido, série "Paixão de Cristo"
Hieronimus Wierix (1553-1619)

reforçada por uma expressão de sofrimento contido e de resignação, tão de acordo com os modelos difundidos pela Contrarreforma. Não por acaso as gravuras de Wierix tiveram grande aceitação na Europa e exerceram grande influência na arte, sobretudo na pintura do século XVII, em particular em países profundamente católicos como Portugal e Espanha, onde as diretrizes do Concílio de Trento tiveram maior repercussão.

Jonas Suyderhoef (1613-1686)
a partir de Pieter Claesz Soutman (1580-1657). Editor: Frederick Wit
Holanda, Haarlem

Retrato do Imperador Frederico III de Habsburgo
c. 1650

Compra (Grupo de Amigos do Museu), 1928-1940
Inv. ML 2206

Frederico III de Habsburgo, Frederico V da Áustria ou Frederico do Tirol (1415-1493), apelidado de Lábio Grosso, marido da infanta de Portugal, Dona Leonor, irmã do rei Afonso V, foi sacro-imperador romano-germânico.

O seu retrato pertence a uma coleção de 13 intitulada *Effigies Imperatorum domus Austriacæ*, publicada pela primeira vez 1644, em Haarlem, que incluía os retratos dos imperadores germânico-austriacos da linhagem de Habsburgo.

De grande formato, cada um dos retratos é delimitado por uma cercadura ornamental executada por Pieter Claesz Soutman, responsável também por todas as imagens publicadas. Os gravadores foram Jonas Suyderhoef e Pieter van Sompel, escolhidos entre os melhores aprendizes de Pieter Soutman. Desta série foram feitas mais três reedições, correspondendo este exemplar à terceira, na qual surge a identificação de Frederick Wit, como editor.



III.
FRIDERICVS III. ALBERTI I. FIL. RODOLPHI I. NEP. PATRIS SUCCESSORI
HENRICO VII. SUCCEDENS IMPERATOR. ELECTO SIMVL. CONSOBRIINO SVO
LYDOLVICO BAVARO MDCCCXXV. SVPERATIS TANDEM TRICIS MDCCCXXXV.
CVM ILLO CERTIS CONDITIONIBVS IMPERIO PRAEST. OBIT MDCCCXXX.

D. Scamman Inuendit Effigies et Excudit. Cuius Primit. I. Scamman. Sicly. Fecit. A. 1650. Fecit.

Retrato do imperador Frederico III de Habsburgo
Jonas Suyderhoef (1613-1686) e Pieter Claesz (1580-1657),
editada por Frederick Wit, c. 1650

Para além dos três exemplares que o Museu de Lamego possui desta série, que inclui também os retratos dos imperadores Matias I e Fernando II, conhecem-se outros exemplares em Londres, nas coleções do British Museum e da National Portrait Gallery, em Cambridge, no Fitzwilliam Museum, em Berlim (Deutsches Historisches Museum) em Nova Iorque (Metropolitan Museum of Art) e em São Francisco (Fine Arts Museums).



Raphael Morghen (1758-1833)
a partir de Bartolomé Estéban Murillo (1617-1682)
Itália, Florença

Santa Maria Madalena
Séc. XVIII-XIX

Doação de Fausto Guedes Teixeira, 1941
Inv. ML 903

Estampa representando Santa Maria Madalena na versão de penitente executada por Raphael Morghen a partir de uma célebre pintura do espanhol Murillo.

Raphael Morghen foi um dos mais importantes gravadores italianos da segunda metade do século XVIII. O pai, Filippo Morghen, também um reputado gravador florentino de temas mitológicos e retratos, reconhecendo o talento do filho, cedo o envia para Roma, a fim de completar a sua formação. Com a idade de 12 anos publica a sua primeira gravura e aos 20 estabelece-se por conta própria, recebendo numerosas encomendas de retratos e de assuntos mitológicos e religiosos.

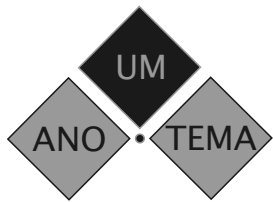


Santa Maria Madalena

Raphael Morghen (1758-1833), a partir de Bartolomé Estéban Murillo (1617-1682), séc. XVIII-XIX

Murillo pinxit. Sculpsit Raphael Morghen. SIC MAGDALENA MAERENS COELICA GAUDIA QUÆRIT.

Viveu e trabalhou em Nápoles, Roma e Florença, tendo executado um total de 252 gravuras originais a partir de obras de mestres como Rafael, Ticiano, Bronzino e Corregio, entre outros. Enquanto professor principal da Academia de Florença, nomeado em 1793 pelo grão-duque Ferdinando II, exerceu uma grande influência em toda uma geração de gravadores de inícios do século XIX. Dono de uma técnica notável celebrizou-se pelos valores tonais e texturas inigualáveis das suas gravuras.



12
Gravuras
do Museu de Lamego

Dirk Stoop (c.1615-1686)
(Reprodução alemã a partir de água-forte de Dirk Stoop)

Cortejo de despedida e embarque de Dona Catarina de Bragança para Inglaterra
1662

Legado de Ana Maria Pereira da Gama, 2013
Inv. ML 7821

Reprodução alemã da água-forte do pintor e gravador holandês Dirk Stoop, com legendas identificativas. Reconhecido pelas suas pinturas com cenas de caça e de cavalaria, de paisagens de portos e assuntos históricos, Dirk Stoop veio para Portugal - onde passou a ser conhecido por Rod[e]rigo - a convite de D. João IV. Convertido em pintor de corte, acompanhou a infanta Catarina de Bragança a Inglaterra, por ocasião do seu casamento com o rei Carlos II, em 1662. Desse período datam uma série de grandes telas que registam o trajeto da comitiva da princesa desde Lisboa, passando por Portsmouth até a Hampton Court. A partir dessas telas foram feitas diversas versões em gravura, sendo conhecidos, entre outros, os exemplares que se conservam em Lisboa, na Torre do Tombo, na Biblioteca Nacional e no Museu Nacional dos Coches, e no National Maritime Museum, em Londres.

Brächtiger Durchzug der Königin Catharina von Groß Britanien, so geschehen in Lisabona den 20 April A^o 1662.



a. die Königin Catharina von Groß Britanien. b. Alphonus König in Portugall. c. Don Pietro Infante. d. der Graff Montagu als Königl. Englischer Ambassadeur. e. der Hertzog Cardinal. f. die Kaiserl. Triumph Port. g. die Triumph Port der Orives von Praha. h. die Triumphport des St. Georgen. i. die Königin von Englandt. 2. der König von Portugall und sein Bruder. 3. der Graff Montagu. 4. der Englische vnd Portugallische Adell der Sie begleitete. 5. die Königl. Portugallische Parque. 6. die Königl. Englische Parque. 7. der Capitain von Portugall. 8. der Englische Admiral.

Abbildung wie die Königin Catharina von Groß Britanien zu Schiff von Lisabona nach England verreis. Anno 1662.



Cortejo de despedida e embarque de Dona Catarina de Bragança para Inglaterra

Dirk Stoop (c.1615- 1686), 1662

De carácter historicista, a narrativa desenvolve-se em dois registos horizontais. No superior é representado o cortejo de despedida, organizado no terreiro do Paço, no dia 20 de abril de 1662, identificando-se os coches onde seguem o cardeal Hertzog, o embaixador inglês Edward Montafu e a futura rainha de Inglaterra e os irmãos, D. Afonso e D. Pedro. No nível inferior, é representado o embarque da filha de D. João IV e de Dona Luísa de Gusmão, podendo observar-se o desfile da comitiva real pelo cais de embarque, e o Tejo pejado de naus das armadas inglesa e portuguesa, e ainda uma vista sobre Lisboa, da qual se destaca o torreão do Paço da Ribeira.

Conrad Lauwers (1632-1685),
a partir de Louis Licherie de Baeurie (1629-1689), editada por François Landry
(1688-1720)
França, Paris

Alegoria a África, da série As quatro partes do mundo
1709-1720

Antigo Paço Episcopal de Lamego (?) Compra (Grupo de Amigos do Museu),
1928-1940 (?)
Inv. ML 6016

A *Alegoria a África* constitui um dos raros exemplos que se conservam das gravuras de grande formato editadas em Paris, no século XVII, com a finalidade de fazer desta técnica uma rival da pintura e de diversificar a oferta comercial, até então, essencialmente consagrada à imagética religiosa e ao retrato.

Gravada por Conrad Lauwers, a partir de uma composição de Louis Licherie de Beurie, foi editada por Pierre Landry, um gravador e sobretudo comerciante estabelecido na rua de Saint Jacques, em Paris. A *Alegoria a África* é o único exemplar que se conhece pertencente a uma série intitulada *As quatro partes do mundo*, estando mencionada no inventário de bens deste gravador, fazendo parte de um lote de pranchas onde são também referidos *Os quatro elementos*, *As quatro estações*, *As quatro horas do dia* e *Os cinco sentidos*. Por morte de Pierre Landry em 1698, o lote viria a tornar-se propriedade de seu filho, François Landry (1668-1720).

O exemplar que se conserva em Lamego será já uma prova editada pelo segundo, entre 1709-1720.



Alegoria a África, série *As quatro partes do mundo*

Conrad Lauwers (1632-1685), a partir de Louis Licherie de Beurie (1629-1689), editada por François Landry (1688-1720), 1709-1720

A representação iconográfica da África, uma das quatro partes do mundo então conhecidas, era muito popular na cultura barroca, representada com frequência nas procissões religiosas e profanas.

Uma mulher negra vestida à romana exibe dois atributos fundamentais de todas as representações da *Alegoria a África* desde a antiguidade: os *enxuvia elephantis* sobre a cabeça e, na mão esquerda, um escorpião. Aos pés da mulher encontra-se um pequeno altar de devoção decorado nos ângulos por cabeças de carneiro; lateralmente pode ler-se a inscrição *África*. Sobre o altar, uma grande serpente enrolada sobre si própria é entregue como oferenda. A mulher está sentada num trono em forma de dragão: língua bífida, asas de morcego e cauda de serpente, que simbolizam as ofensas. O trono está colocado sobre um carro triunfante, com quatro rodas, puxado por um elefante e um par de rinocerontes. O conjunto é dominado por um cornaca, também ele negro e igualmente vestido à romana. No plano do fundo observa-se uma alta montanha, cujo cume está envolto em nuvens. Este recurso iconográfico permite compreender a sua altura extraordinária, representando a mediação entre o mundo terrestre e o divino.

É muito pouco habitual ver um carro puxado por esta união pacífica de dois animais zoológicamente tão opostos: o elefante e o rinoceronte. No momento de compor a sua *Alegoria a África*, Louis Licherie selecionou um modelo a partir da gravura de Albrecht Dürer intitulada *O Rinoceronte*.



Albrecht Dürer (1471-1528), *The Rhinoceros*, 1515. xilogravura.
The British Museum. © The British Museum

No dia 20 de maio de 1515, um rinoceronte desembarcou de um navio português em Lisboa, para onde tinha sido enviado, como presente diplomático ao rei D. Manuel I, pelo sultão de Cambaia, Modofar II. O animal, que não tinha sido observado na Europa desde a antiguidade, causou grande impressão. A novidade propagou-se rapidamente e chegou à Alemanha graças a Valentin Ferdinand, um impressor que se havia instalado em Lisboa. Este fez chegar uma carta à guilda dos comerciantes de Nuremberga, na qual descrevia o animal e as suas características anatómicas. Dürer sem nunca o ter visto, desenhou-o baseado apenas nas descrições de Ferdinand. Embora pouco realista, a composição possui uma grande expressividade e força.

Habitualmente, o carro sobre o qual se encontra a *Alegoria a África* é puxado por elefantes, sendo muito mais rara a utilização do rinoceronte, e a associação das duas espécies, absolutamente excepcional. Esta gravura constitui por isso mesmo um bom exemplo da complexidade das fontes iconográficas e literárias utilizadas e a riqueza da sua interpretação. As gravuras de grande formato são extremamente frágeis e, por consequência, também muito raras. Para além disso, um segundo aspeto retém a atenção: o facto de se tratar de uma estampa gravada a buril, colorida a aguarela à mão levantada. Na data em que foi impressa, entre 1709-1720, a produção de gravuras com estas características era pouco comum. Além disso, com as dimensões que apresenta, não podia ser realizada senão a troco de uma quantia muito elevada, o que pode também ajudar a explicar a sua raridade.

De origem mal documentada, ainda não foi possível esclarecer as circunstâncias que explicam a presença desta estampa nas coleções do museu. Pertenceria a um conjunto destinado a decorar o Paço Episcopal, onde o Museu de Lamego se encontra instalado? Teria sido incorporada mais tarde? É possível que estejamos perante uma compra de obras de arte entre as que se sucederam após a criação do museu. É conhecido o empenho que houve no engrandecimento das suas coleções sobretudo nas décadas de 30 e 40 do século XX, através de compras efetuadas pelo então Grupo de Amigos Pró Museu, Biblioteca e Turismo, existindo vários recibos referentes à aquisição de gravuras de formatos, assuntos e autores diversos, atestando tratar-se de objetos relativamente comuns no mercado.

Quer a Alegoria a África tenha pertencido ao recheio do paço episcopal, quer tenha sido adquirida já no século XX, trata-se de uma peça única no contexto das coleções nacionais, produzida para uma clientela exigente, culta e de gosto refinado, à imagem de alguns dignitários civis ou eclesiásticos que habitavam em Lamego e região envolvente.

Adaptado de Frédéric Jiménez (2014) e de Alexandra Falcão (2015)

Bernard Picart (1673-1733)
Holanda, Amesterdão

Retrato de Nuno Alvares Pereira, donato do convento do Carmo
1722

Compra (Grupo de Amigos do Museu), 1928-1940
Inv. ML 920

A gravura representando D. Nuno Álvares Pereira, enquanto carmelita donato, pertenceu a uma série de gravuras em cobre encomendadas ao célebre gravador francês, estabelecido em Amesterdão, Bernard Picart (1673-1733), para ilustrar a obra do académico António Rodrigues da Costa *De vita, & rebus gestis Nonni Alvaresij Pyeriae Lusitaniae Comitibus Stabilis libri duo*, publicada em 1723. Picart gravou ainda um segundo retrato de Nun' Alvares cavaleiro, possivelmente seguindo o modelo do retrato do Santo Condestável, do italiano Domenico Duprà (1689-1777), pintor régio na corte de D. João V. Para além da questão da autoria, visto tratar-se de retratos executados por um gravador de exceção, salienta-se o facto de as estampas encomendadas na Holanda constituírem as ilustrações dos primeiros livros saídos dos prelos da Academia Real de História Portuguesa, fundada em 1720 pelo «Magnânimo», numa altura em que as artes gráficas davam os primeiros passos em Portugal (CARVALHO, 1977:XVI).

A chegada destas estampas a Lisboa, num lote onde, para além dos retratos do Condestável vinham também outras gravuras enviadas pelo antiquário holandês Gérard van Loon, foi um acontecimento, *hindo huã* fragata a bordo do navio. (CARVALHO, 1977: XVI).



B. Picart sculp. 1722.

*Hæc Nonni effigies extremâ etate salutis
Cum solum æternæ tendit inire viam:
Sic spretis opibus, spretis et honoribus unam
Paupericem amplexus sidera summa petit.*

Retrato de Nuno Álvares Pereira, donato
Bernard Picart (1673-1733), 1722

Bernard Picart nasceu em Paris, no dia 11 de junho de 1673, e viria a falecer em 1733, em Amesterdão. Recebeu a sua educação artística do pai, o gravador Etienne Picart, e de Charles le Brun e Jouvenet, na Academia Real de França. Em 1711, muda-se para Amesterdão, o maior centro de impressão e publicação, onde se converte ao calvinismo. Com uma obra gráfica extensíssima (o Teylers Museum, em Haarlem, na Holanda, possui c. 1500 registos relativos a este autor, entre os quais um exemplar do presente retrato de D. Nuno Álvares), Bernard Picart destacou-se no retrato, desenho ornamental e assuntos mitológicos e religiosos, quer a partir de obras de velhos mestres, quer de trabalhos originais. Como ilustrador, desenhou e gravou para numerosos livros, sendo os dez volumes que compreendem às *Cérémonies et coutumes religieuses de tous les peuples du monde* (1723-1743), a sua obra mais conhecida e também a mais importante. Realizou ainda gravuras de grande formato para conjuntos como *Les Impostures Innocentes* (setenta e oito gravuras a partir de mestres antigos) e o *Templo das Musas*.



Jean Georges Wille (1715-1808)
a partir de Gerrit Dou (1613-1675)
França, Paris

La liseuse
1761-1762

Legado de Ana Maria Pereira da Gama, 2013
Inv. ML 7819

A gravura intitulada *La Liseuse* surge habitualmente acompanhada, como acontece na coleção do museu, da *La Dévideuse*, A Dobadeira (inv. ML 7818), ambas gravadas por Jean-Georges Wille a partir de pinturas do holandês Gerrit (ou Gerard) Dou. Após a aprendizagem com o pai e com o gravador Bartholomeus Dolendo, em 1628, supõe-se que com 15 anos de idade se tenha convertido no primeiro aluno do jovem Rembrandt, com quem terá continuado a trabalhar durante três anos. Inicialmente muito influenciado pelo mestre, de quem adquire o colorido e a subtileza dos efeitos claro-escuro, só quando Rembrandt vai para Amesterdão começa a desenvolver um estilo próprio, que se caracteriza por trabalhos de escala reduzida (executados com a ajuda de uma lupa ou espelho côncavo), com a figuração de cenas de interior, habitualmente com poucas figuras, emolduradas por uma janela ou pelo pregueado de uma cortina, rodeadas por livros, instrumentos musicais ou por parafernália doméstica, representados com grande detalhe, como no exemplo presente.



LA LISEUSE.

Dédié à Monsieur L. M. Cisteri, Négociant à Zurich,
et Membre de l'Académie de Botanique de Florence.
Par son Ami et Serviteur Wille.

Cuivré d'après le Tableau Original de même grandeur, qui est dans le Cabinet de Monsieur de Sallenne,
Seigneur, Secrétaire de l'Ordre de St. Michel et honoraire-Amateur de l'Académie Royale de Médecine et de Chirurgie.

La Liseuse

Jean Georges Wille (1715-1808), Gerrit Dou (1613-1675), 1761/62

Sendo um próspero e respeitado pintor de Lieden, onde deve ter vivido durante toda a sua vida, os seus trabalhos atingiam preços muito elevados, normalmente mais do que os do próprio Rembrandt. O estilo meticuloso e a atenção dada aos pormenores, associados ao naturalismo e ambiente intimista dos seus trabalhos, exerceram uma grande influência em sucessivas gerações de pintores, até ao aparecimento do Impressionismo, no século XIX.

O facto de c. 100 anos depois da execução da pintura *La Liseuse*, um dos mais importantes gravadores franceses do século XVIII, Jean-Georges Wille, se ter interessado por essa obra de Gerrit Dou, que viu em Paris, na casa de Julienne Leuyer, seu colega na Academia Real de Pintura e Escultura, é um bom exemplo do sucesso que este pintor continuava a ter junto da clientela.

De origem alemã, Jean-Georges Wille, mudou-se para Paris, onde adquiriu grande reputação devido ao seu enorme talento. Entre outras honras obtidas ao longo da sua carreira, contam-se os títulos de gravador do rei de França, do imperador da Alemanha e gravador do rei da Dinamarca. Celebrizou-se pelos retratos e, numa fase mais madura, por gravuras com assuntos históricos e cenas de género, sobretudo a partir de obras de pintores holandeses e alemães seus contemporâneos.



François Harrewijn (1700-1764)
a partir de Vieira Lusitano (1699-1783). Editor: José António da Silva
Lisboa

Restituet omnia
1730

Compra (Grupo de Amigos do Museu de Lamego), 1928-1940
Inv. ML 925

A frase latina *Restituet omnia*, que dá o título à portada alegórica, foi utilizada como divisa da Academia Real da História Portuguesa, traduzindo o seu objetivo de escrever a história de Portugal e assim restituir ao mundo o conjunto de ações gloriosas dos lusitanos. Aberta por Vieira Lusitano, que fora o autor do desenho e, posteriormente também por François Harrewijn e Pedro Rochefort, dependendo dos gravadores, a estampa surge com diferentes subscrições em diversas obras saídas dos prelos da tipografia da Academia Real de História Portuguesa, sendo a mais importante a *História Genealógica da Casa Real*, de António Caetano de Sousa, publicada em 19 volumes entre 1735-1748.

Com a fundação da Academia Real de História Portuguesa, por D. João V, em 1720, estabelece-se a primeira oficina de gravura em Portugal, onde trabalharam importantes artistas nacionais e estrangeiros. Para além do pintor e ilustrador português Vieira Lusitano, a Academia contratou buriladores franceses e flamengos, entre os quais os já referidos Pedro Rochefort e François Harrewijn. Nascido em Bruxelas, cidade onde viria também a falecer, a permanência, deste último, em



Restituet omnia

François Harrewijn (1700-1764), a partir de Vieira Lusitano (1699-1783), editada por José António da Silva, 1730

Lisboa deve ter sido relativamente curta, pois a primeira obra portuguesa que se lhe conhece data de 1730 e, quatro anos mais tarde, já era gravador do sacro-imperador romanogermânico Carlos VI.

Júlio Castilho inclui no seu *Amores de Vieira Lusitano*, publicado em 1901, uma das melhores descrições desta alegoria, admitindo que a figura feminina em primeiro plano, que personifica a História, poderá ter tido como modelo Dona Inês Helena de Lima e Melo, com quem Vieira Lusitano viveu uma muito conturbada história de amor contrariado, com final feliz. Castilho observa na lima, que a figura segura com a mão esquerda, uma clara reminiscência do apelido de Inês, e na romã, uma alusão iconográfica a Prosepina, separada de Plutão e só passados seis meses restituída, numa referência à sua própria história de amor. A estampa do Museu de Lamego foi possivelmente adquirida na década de 1930, numa altura em que exemplares desta gravura eram relativamente vulgares no mercado, embora, por vezes, atingissem preços exorbitantes.



Lamberecht Causé (séculos XVII-XVIII)
Flandres, Antuérpia

Natividade de Maria
Séc. XVIII (1.^a metade)

Compra (Grupo de Amigos do Museu de Lamego), 1928-1940
Inv. ML 935

Não aparecendo mencionado na Bíblia, o episódio da *Natividade de Maria* é relatado no texto protoevangelho apócrifo de Tiago, provavelmente escrito no século I d.c. O texto não esclarece em que data ocorreu o nascimento de Maria, sendo celebrado aleatoriamente pela Igreja a 8 de setembro, data em que, segundo os teólogos, o Sol entra no signo Virgem. Iconograficamente, ao longo do século XV, o intimismo e realismo do ambiente doméstico que caracterizavam as representações do tema, converteram-no mais numa cena de género do que religiosa. Essa tendência burguesa e prosaica da lenda mariana, seria combatida a partir do século XVI e, sobretudo, no século XVII, na sequência do Concílio de Trento, passando as representações a incluir ao redor de Maria anjos músicos e cantores, que descem do Céu para celebrar e elevar ao mundo divino o seu nascimento.

Também dedicada ao ciclo da Virgem e com a mesma assinatura, *L. Causé*, do gravador de origem flamenga, Lamberecht Causé, o Museu de Lamego possui uma segunda gravura representando Os desposórios da Virgem, pertencente à mesma série.



Natividade de Maria
Lambrecht Causé, século XVIII (1.^a metade)

Com atividade documentada em finais do século XVII e inícios do XVIII, Causé foi ilustrador de diversas obras de natureza religiosa, entre as quais o *Caeremoniale Episcoporum* do papa Clemente VIII, editado em Antuérpia, em 1713, e a *Mystica Ciudad de Dios Milagro de su Omnipotência, y abismo de la Gracia, Historia Divina, Y Vida de La Virgen Madre de Dios...*, publicada em três volumes, na mesma cidade, em 1708, por Henricus e Cornelio Verdussen.

As duas estampas, que se conservam no museu, encontram-se entre as 74 gravuras (águas-fortes e buris) incluídas nessa obra, juntamente com o trabalho de outros flamengos célebres como Gaspar Bouttats, *o velho* (c. 1640-1695/96), Peter Lisebetius (1610-1678) e Hieronymus Wierix (1553-1619), sendo este último, o responsável pelas gravuras que ilustram o segundo e terceiro volumes.

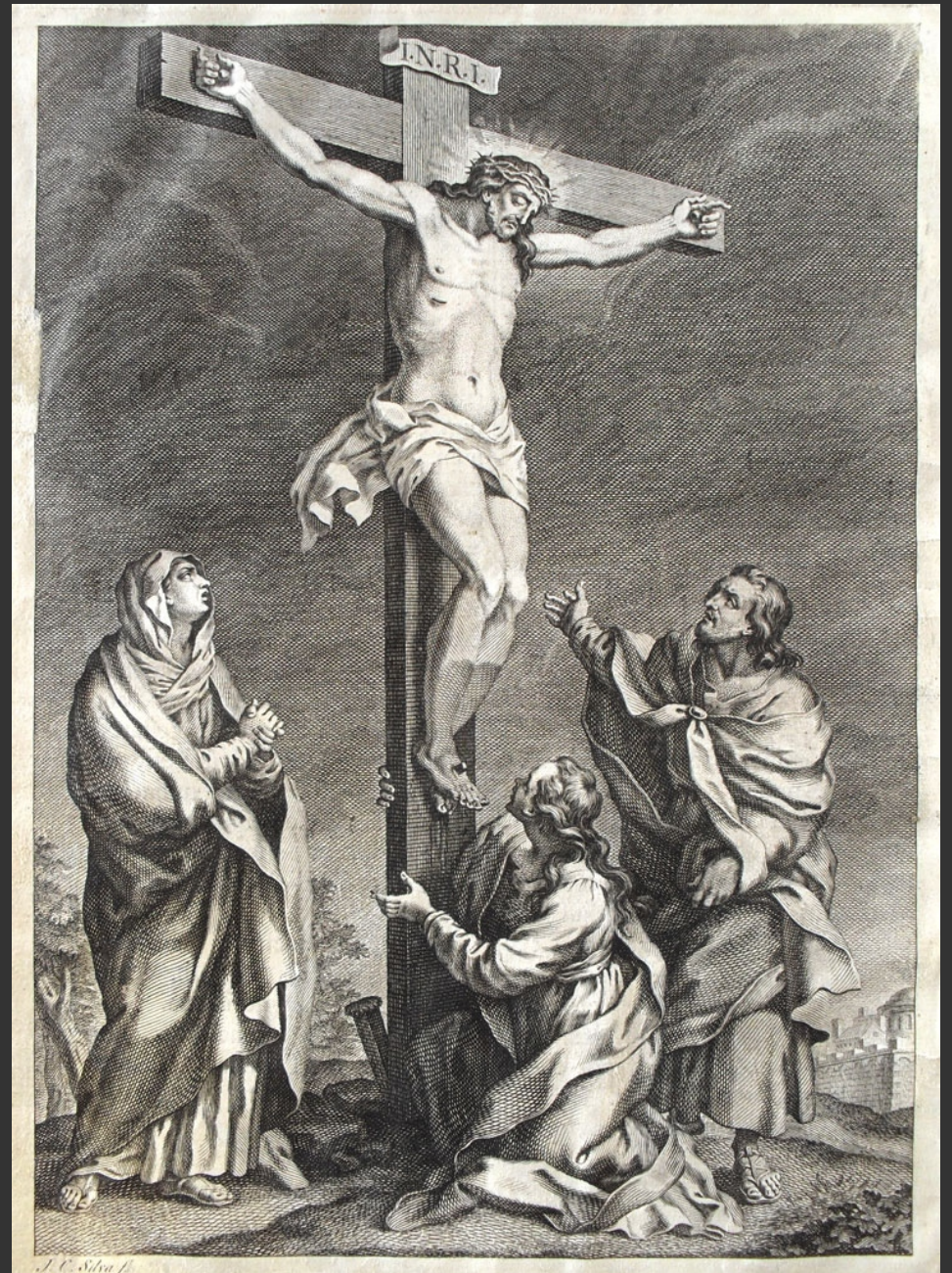


Joaquim Carneiro da Silva (1727-1818)
Portugal, Lisboa

Calvário
1793

Compra (Grupo de Amigos do Museu de Lamego), 1928-1940
Inv. ML 921

Não sendo conhecidos os motivos pelos quais esta estampa foi removida de um exemplar da edição de 1793 do *Missale Romanum*, impresso na Tipografia Régia, pertencente ao Museu de Lamego, sabe-se que era (como ainda é) muito comum, sobretudo entre os alfarrabistas, retalhar os livros religiosos, como forma de valorizar as estampas isoladamente. Criada no contexto do Iluminismo, por alvará régio de 1768, a *Regia Officina Typographica* tinha como objetivo suprir o reino e as suas colónias de livros de interesse geral. Através do mesmo alvará foi instituída uma Aula de Gravura com um *abridor de estampas conhecidamente perito, o qual terá obrigação de abrir todas as que forem necessárias para a impressão* (SOARES, 1930:11). Para professor da referida Aula foi nomeado Joaquim Carneiro da Silva, um gravador famoso no seu tempo, nascido no Porto e possuidor de uma vasta formação adquirida no Brasil e em Itália, onde fez a sua aprendizagem como pensionista do Estado e, provavelmente, em França.



Calvário
Joaquim Carneiro da Silva (1727-1818), 1793

Foi sobretudo durante o reinado de D. Maria I (1777-1816), que a Tipografia Régia privilegiou a edição de volumes luxuosos, essencialmente de temas religiosos, entre os quais diversos missais que, embora contendo mudanças textuais, eram ornamentados com gravuras executadas na Aula dirigida por Joaquim Carneiro, abertas pelo próprio ou por algum dos seus discípulos.

O facto de a estampa não possuir nenhuma referência ao autor do desenho pode indiciar que, para além de gravador, Carneiro da Silva tenha sido também o desenhador. Conhecem-se pelo menos sete edições do *Missale Romanum* saídos dos prelos da Tipografia Régia, que eram posteriormente vendidos na loja que esta possuía na praça do Comércio. Todas as edições possuem oito ilustrações, das quais o Museu de Lamego conserva, para além do *Calvário*, as estampas que representam a *Ressurreição*, do mesmo autor, e a *Natividade/Adoração dos Pastores*, aberta por Gaspar Fróis de Machado, extraídas igualmente do já mencionado missal.



Gaspar Fróis de Machado (1759-c.1896)
Portugal, Lisboa

Adoração dos Pastores
1777

Compra (Grupo de Amigos do Museu de Lamego), 1928-1940
Inv. ML 928

A estampa figurando a *Adoração dos Pastores* corresponde a uma das três gravuras que se conservam no Museu de Lamego, extraídas de um exemplar do *Missale Romanum*, impresso em 1793, na Tipografia Régia, pertencente à mesma coleção. Sobre Gaspar Fróis Machado, que desenhou e gravou esta *Adoração dos Pastores*, o autor da *História da Gravura Artística em Portugal*, Ernesto Soares, refere um *Gravador de notáveis recursos a quem uma morte prematura cortou a carreira auspiciosamente encetada* (Soares, 1940: 302). Natural de Santarém, onde nasceu em 1759, Gaspar Fróis Machado começou a aprendizagem na escola do escultor Alessando Giusti (1715-1799), fundada em Mafra por D. João V, logo a seguir à construção do convento. Aí permaneceu durante quatro anos, ao fim dos quais ingressou na Aula de Joaquim



Adoração dos pastores
Gaspar Fróis Machado (1759-1796), 1777

Carneiro da Silva. Em 1780, três anos depois de ter assinado a estampa da *Adoração dos Pastores*, para a Tipografia Régia, parte para Roma, onde frequenta a Escola de Giovanni Volpato. No seu regresso a Portugal, torna-se irmão da Academia de S. Lucas, aí permanecendo entre 1790-1795. No ano seguinte, aos 37 anos de idade, é vítima de um naufrágio, no momento em que se dirigia a Londres a fim de estudar com Bartolozzi. Da sua obra destacam-se um grande número de retratos de figuras notáveis portuguesas e inúmeras estampas, com assuntos religiosos, a partir de obras de grandes mestres, como é o caso do pintor italiano Sebastiano Conca, autor da *Adoração dos Pastores* (1720), no The J. Paul Getty Museum, em Los Angeles, que serviu de modelo para o presente trabalho.

Esta gravura de pequeno formato faz parte de um conjunto de quatro, onde estão representados os quatro evangelistas, para além de São João, São Lucas (inv. ML 940), São Marcos (inv. ML 939) e São Mateus (inv. ML 938), enquanto se ocupam da tarefa de escrever os textos sagrados que lhe são atribuídos. Embora se desconheça a autoria destas gravuras, são claramente filiadas na escola de grandes gravadores do Norte da Europa, em particular de Albrecht Dürer, sendo estrutural e tecnicamente próxima da *Melancolia*. O preenchimento de quase toda a superfície por traços paralelos que acentuam a sua densidade, completando espaços que, definidos por um desenho que embora virtuoso seria demasiado linear, em particular nos pregueados das vestes, é característico dos gravadores do norte.

São João é enquadrado por elementos arquitetónicos de gosto clássico, onde se dispõem uma janela aberta e uma lareira, sugerindo um *scriptorium*. O uso desses elementos arquitetónicos acentua a noção de perspetiva e de profundidade de campo, ampliando o espaço narrativo. Representado através de formas amplas, vigorosas e desproporcionadas, sentado



São João Evangelista
Anónimo, séc. XVI

num escabelo almofadado, e voltado à esquerda $\frac{3}{4}$. Apresenta um rosto miúdo, inclinado, e emoldurado por uma farta cabeleira ondulante, com uma expressão concentrada sobre o volume que equilibra na perna direita em que escreve, com uma pena, atestando a sua condição de evangelista e teólogo. As vestes, túnica e manto, exageradamente volumosas e pregueadas, deixam visíveis os pés descalços, longos e esguios. À direita, nas costas do evangelista, figura de perfil uma águia, atributo do santo na representação do Tetramorfo, como símbolo da elevada espiritualidade dos seus textos. Em segundo plano, à esquerda, a confrontar com a janela aberta, com portadas de madeira, colocada na parede do fundo, uma mesa coberta com uma toalha franjada, sobre a qual se dispõem um livro sobre uma estante e dois tinteiros.

São João Evangelista, a que, Jesus chamava o *discípulo amado*, é celebrado a 27 de dezembro, entre o Natal e o Ano Novo.

ARAÚJO, Maria Augusta, *Gravadores estrangeiros na corte de D. João V*. III Congresso Internacional da APHA.
[em linha: <https://pt.scribd.com/doc/235282619/Gravadores-Estrangeiros-Na-Corte-de-D-Joao-v-IMPRESSO>, 21-07-2015].

AZEVEDO, D. Carlos (2009) - *Iconografia de São Nuno de Santa Maria*
[em linha: <http://pt.scribd.com/doc/37266173/Iconografia-de-Sao-Nuno-de-Santa-Maria>, 30-05-2015].

Bernard Picart. Achelous in the Shape of a Bull, is Vanquished by Hercules. «Art of the print»
[em linha: http://www.artoftheprint.com/artistpages/picart_bernard_thedeluge.htm, 02-07-2015].

CARVALHO, Armindo Ayres de (1960) - *D. João V e a arte do seu tempo: as memórias d'El Rei D. João V pelo naturalista Merveilleux, traduzidas, anotadas e comentadas*. Mafra: Mafra Agrícola.

CARVALHO, Armindo Ayres de (1977) - *Catálogo da Coleção de Desenhos da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

CASTILHO, Júlio (1901) - *Amores de Vieira Lusitano: apontamentos biographicos*. Lisboa: A.M. Pereira.

COSTA, António Rodrigues (1723) - *De vita, & rebus gestis Nonni Alvaesij Pyreriaë Lustianiaë Comitibus Stabilis Libri duo*. Olyssipano: apud Paschalemo Sylva Typg. Re.

FALCÃO, Alexandra (2015) - *O exótico como possibilidade de memória coletiva*. In ALMEIDA, Isabel Cruz; NETO, Maria João (eds.) *Sphera Mundi. Arte e Cultura no Tempo dos Descobrimentos*. Lisboa: Caleidoscópio, pp.323-333.

FARIA, Miguel Figueira (2003) - «A Apologia de preeminência da Arte da Esculptura, sobre a de fundir Estatuas de metal» de Joaquim Carneiro da Silva - notas sobre a questão do Estatuto do Artista no final de Setecentos. «Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património», 1.^a série, vol. 2. Porto.

FERREIRA, Orlando da Costa (1994) - *Imagem e Letra: Introdução à Bibliologia Brasileira. A imagem gravada*. São Paulo: EDUSP - Editora da Universidade de São Paulo.

JIMÉNO, Frédéric (2014) - *L'Allégorie de l'Afrique. Une gravure très rare de Conrad Lauwers éditée par Pierre Landry et des successeurs (1679-1720)*. In FALCÃO, Alexandra Isabel (dir. ed.) - *Cadernos Conhecer, Conservar, Valorizar*, n.º 1. Lamego: Museu de Lamego, pp. 7-21.
[em linha: <http://www.museudelamego.pt/wp-content/uploads/2013/10/CadernosCCV1.pdf>, 02-05-2015].

Jonas Suydehoelf & Pieter Soutman. Emperor Frederick III (Frederick of Habsburg). «Art of the print»
[em linha: http://www.artoftheprint.com/artistpages/suyderhoef_jonas_emperorfrederick3.htm, 05-01-2015].

LEITE, Pedro Queiroz (2011) - *O Missal da «Regia Officina Typographica» e o seu Legado na Pintura Rococó Mineira: uma refutação à influência de Bartolozzi*. In *Atas do VII Encontro de História da Arte* - UNICAMP, pp. 405-415.
[em linha: <http://inicamp.br.chaa/eha/atas/2011/Pedro%20Queiroz%20Leite.pdf>, 22-09-2015].

Livraria Castro e Silva. Catálogo 120 (Fevereiro, 2010) cit. por MINDLIN, José - *Tertúlia Bibliófila*
[em linha: http://tertuliabibliofila.blogspot.com/2010_02_01_archive.html, 22-09-2015].

Portret Nunez Pereira. [em linha: <http://www.teylersmuseum.nl/en/collection/drawings/kg-11364-portret-nunez-pereira-als-geestelijke-picart-bernard-1673-1733-graveur>, 07-06-2015].

Raphael Morghen. «Art of the print». [em linha: http://www.artoftheprint.com/artistpages/morghenraphael_angelicaandmedoro_hm, 28-02-2015].

SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães (2008) - *Traços Europeus, Cores Mineiras: três pinturas coloniais inspiradas em uma gravura de Joaquim Carneiro da Silva*. In FURTADO, Júnia Ferreira (org.) - *Sons, Formas, Cores e Movimentos na Modernidade Atlântica. Europa, América e África*. São Paulo: Annablume: Belo Horizonte: Fapemig, PPGHG-UFMG, pp. 385-400.

SOARES, Ernesto (1930) - *Francisco Bartolozzi e os seus discípulos em Portugal*. Gaia. Edições Apolino.

SOARES, Ernesto (1940) - *História da gravura Artística em Portugal. Os Artistas e as suas Obras*. Tomo I e II, Lisboa.

SOUSA, Alberto; SALGUEIRO, Mário (org.) (s/data) - *Iconografia Portuguesa. Nun'Alvares. Subsídios para a Iconografia do Grande Condestável*. Lisboa: Edição dos autores.

VIDAL, Frederico Gavazzo Perry (1940) - *O casamento de Dona Catarina de Bragança com Carlos II, rei de Inglaterra*. «Revista dos Centenários», ano II, n.º 22, 31 outubro, 1940. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, pp. 1-7.

